

## UM DEUS, MUITAS TEOLOGIAS?!

### ESBOÇO DE UMA TEOLOGIA CRISTÃ DAS RELIGIÕES

Prof. Dr. Manuel Hurtado, S.J.<sup>1</sup>

#### Resumo

As Religiões da terra, aos olhos dos cristãos, inscrevem-se, entre outros esforços, nessa tentativa humana legítima de abandonar-se em Deus e tentar “dizê-lo” com aquilo que somos e temos, sem garantias de salvação, certamente, mas em esperança. Uma Teologia cristã que repensa a Encarnação de uma maneira nova deve ser acompanhada pela discrição e pela humildade necessárias a uma tal tarefa e a insistência na importância da fé na Encarnação nessa Teologia, longe de ser arrogância e desprezo dissimulados em face às outras Religiões e crenças, é um labor que implica a responsabilidade do próprio pensamento cristão.

**Palavras-chave:** Encarnação, Cristologia, Teologia Cristã das Religiões.

#### Abstract

Earth's Religions, in Christian people see it, are inscribed, among other efforts, in this human attempt of as surrendering themselves to God and trying “telling it” through the whole we are and we have, without guarantees regarding to salvation, certainly, but only in hope. A Christian Theology kind that rethinks Incarnation, in a new, way be must followed, by the necessary circumspection and humbleness, face to such a task and the insistence regarding to faith importance in Incarnation, in this Theology, far off being dissimulated arrogance, haughtiness and contempt in front of other Religions and believes, is a labor that involves the Christian thought itself's responsibility.

**Key words:** Incarnation, Christology, Religions Christian Theology.

**E**stamos na época da fascinação por um Deus único com muitas faces<sup>2</sup>. Quem poderia negar a atração que provoca uma tal imagem de Deus? Um Deus para todas as religiões, um Deus que “serve” para todas as tradições religiosas da humanidade é, sem dúvida, atra-

tivo<sup>3</sup>. Um Deus único que só muda de rosto segundo o lugar onde ele se manifesta. É um Deus com muitos nomes. Nessa perspectiva, existem muitas teologias que se ocupam em refletir sobre cada uma das manifestações desse Deus único e, por isso, deve-se falar de muitas teologias. A partir de concepções gnosiológicas neokantianas, cada uma dessas teologias estaria encarregada de refletir sobre uma manifestação diferente e particular do Deus único, ou simplesmente da Realidade última ou, mesmo, do Real.

É um fato inegável que dentro dessa perspectiva geral existe muita benevolência e uma imensa abertura. O esforço feito por tantos teólogos nessa área da Teologia tem de ser reconhecido, resgatado e sublinhado em primeiro lugar<sup>4</sup>. Mas também é preciso se perguntar se essa concepção, certamente cheia de boa vontade e generosidade, pode ser serenamente compatível com a fé cristã. Qual deverá ser a apreciação de um teólogo cristão sobre a teologia pluralista das religiões em sua compreensão mais radical?

Em uma perspectiva cristã, isto é, fazendo teologia cristã, algumas pressuposições e compreensões da teologia pluralista extrema das religiões são problemáticas e mesmo inadmissíveis para a fé cristã que confessa Jesus Cristo, Verbo encarnado, como o Filho único de Deus e como o único mediador da salvação de Deus. Curiosamente, o que está no coração da confissão cristã é precisamente o que resulta intolerável para as teologias pluralistas extremas, já que o consideram como a pedra de escândalo e o principal obstáculo para uma teologia “pluralista” das religiões.

Assumindo uma concepção plural da Teologia, e baseados nela, vamos tentar formular alguns eixos do que seria “uma” teologia das religiões em uma perspectiva particular: a cristã. É conveniente declarar desde o início que não pretendemos fazer uma teologia do diálogo inter-religioso nem uma teologia inter-religiosa e menos ainda uma teologia da missão. Apenas tentaremos expor algumas bases para uma teologia que pensa a fé cristã levando em conta o mistério da pluralidade das religiões da Terra. Por conseguinte, a perspectiva adotada é intracristã, sem outra pretensão que a de refletir sobre sua própria fé diante do fato da pluralidade de tradições religiosas do mundo, mas pondo em evidência as exigências e as possibilidades intrínsecas da confissão

cristã na Encarnação de Deus (Jesus Cristo, Verbo encarnado de Deus) para uma teologia cristã das religiões que seja aberta e dialógica.

Trata-se agora de enunciar as linhas de força de nossa própria compreensão de uma teologia cristã das religiões. Qual será o qualificativo adequado para nossa teologia? Haveria que falar de uma “teologia encarnacional das religiões” ou de uma “cristologia encarnacional no campo da teologia das religiões”? Sejamos claros. Pouco importa o qualificativo dado a nossa teologia. É mais importante poder mostrar a fecundidade e a pertinência da reflexão sobre o evento da Encarnação como temática que está no coração mesmo da teologia cristã das religiões e que possibilita uma teologia aberta, humilde e dialógica. Dito de maneira breve, o interesse está em mostrar que uma verdadeira teologia cristã das religiões, a partir de seu fundamento mesmo, exige o diálogo com outras tradições e crenças religiosas, excluindo e condenando toda atitude de superioridade e de violência.

Em primeiro lugar, lembremos alguns elementos. Certos teólogos têm reparado que, no século XX, ter-se-ia produzido uma passagem da doutrina da pessoa de Jesus à doutrina de Deus. Num certo sentido, essa apreciação é justa, sob a condição de explicá-la e matizá-la<sup>5</sup>. Com efeito, estamos convencidos de que a doutrina de Deus não pode ser separada da doutrina da pessoa de Cristo. Ao contrário, ela a exige. Num certo sentido, ao menos no cristianismo, não se pode fazer teologia cristã sem pôr em relação a doutrina de Deus e a de Cristo. Assim, mesmo que se possam e devam fazer distinções, teologia e cristologia devem ser concebidas numa relação mútua. Portanto, na teologia cristã das religiões, essa relação mútua é ainda mais necessária se quisermos fazer uma teologia que não ponha entre parênteses nem contorne aquilo que está no centro mesmo da fé cristã, isto é, uma teologia cristã das religiões que leve a sério o evento da Encarnação.

Por outro lado, alguns teólogos pensam que estamos num processo de desmitologização, principiado com força nos inícios do século XX, e que, em toda linguagem religiosa e sobre Deus, não se pode ver senão a expressão de um certo engajamento moral ou espiritual do homem. Nesse quadro, uma cristologia não encarnacional aparece como uma alternativa muito atrativa para os cristãos que têm uma crença verdadeira e sincera na realidade de Deus, mas manifestam uma obje-

ção intelectual e moral muito forte diante da idéia da divindade de Jesus Cristo. De maneira especial, por causa das exigências do diálogo inter-religioso e de uma consciência mais viva da pluralidade das religiões, eles se sentem atraídos por uma cristologia não encarnacional, já que tal cristologia, segundo eles, poderia evitar atitudes cristãs de superioridade ou as posições totalitárias. Ainda mais, tal cristologia tornaria possível um diálogo inter-religioso em pé de igualdade e, ao mesmo tempo, uma teologia das religiões livre de todo preconceito negativo sobre as religiões.

Nestas páginas, queremos só explicitar alguns traços de uma teologia cristã das religiões que leve seriamente em conta o evento da Encarnação. Sem essa condição *sine qua non*, a teologia “cristã” das religiões se arriscaria a perder esse qualificativo que lhe dá sua identidade profunda. Todavia, enquanto cristão, como afirmar que Jesus Cristo é o Filho único de Deus e que ele é o Salvador de todos os homens, sem que essa afirmação comprometa a dignidade dos outros crentes? Para nós, a fé cristã supõe e exige ela mesma um respeito profundo dos outros crentes e das outras religiões na sua alteridade, embora a questão seja saber como fundamentar “teologicamente” esse respeito profundo que a fé cristã exige dos outros crentes. Para nós, essa é uma das questões centrais, à qual a teologia cristã das religiões deve dar uma resposta. Nestas páginas, tentaremos esboçar alguns elementos fundamentais dessa teologia. Evidentemente, não temos a pretensão de resolver o conjunto da problemática. Só visamos a oferecer “uma” contribuição ao debate contemporâneo, esperando que ela ajude a re-centrar esse mesmo debate, sobre esta ou aquela questão.

Com efeito, dar conta da fé cristã na Encarnação, com a preocupação do respeito pelos outros crentes e pelas outras religiões, é a tarefa na qual nos empenhamos. Assim, para nós, é precisamente a fé na Encarnação que torna possível o respeito pelos outros crentes e as outras religiões no mais alto grau. Apresentamos alguns elementos que permitem apoiar nossa convicção principal, a saber, que a Encarnação é o fundamento teológico do profundo respeito que a fé cristã tem, de maneira intrínseca, pelos outros crentes e pelas outras religiões. Assim sendo, cremos que a fé na Encarnação não exclui os outros crentes;

antes, pelo contrário, supõe e exige um profundo respeito por eles. Igualmente, essa fé afasta e condena toda atitude de violência para com os outros crentes e religiões. É verdade: não se pode dizer que o Evangelho trata a questão da pluralidade das religiões da mesma maneira que nós a tratamos em nossa época. Contudo, sentimos que é o Evangelho mesmo que nos convida insistentemente ao respeito pelo outro e à rejeição total de toda atitude de violência para com o diferente, neste caso, dos outros crentes e religiões.

Com certeza, com o que acabamos de afirmar, não queremos encobrir os desvios do cristianismo ao longo da história. Em certas épocas, em nome mesmo da fé em Cristo, único Salvador, o cristianismo exerceu violência para com os crentes de outras tradições religiosas e nas tradições religiosas mesmas<sup>6</sup>. Se essa violência exige, de nossa parte, um claro arrependimento do dano infligido e também a necessidade da confissão de nosso pecado, estamos agora impelidos a mostrar que, através de uma correta compreensão de nossa fé em Jesus Cristo, o Filho de Deus encarnado, somos chamados a ter atitudes completamente diferentes daquelas de outrora, isto é, um profundo respeito pelos outros crentes, a humildade e o serviço infatigável pela paz e pela justiça no mundo. Toda atitude avessa a isso estaria em oposição clara com nossa fé. Não se trata certamente de uma simples tolerância das outras religiões. É muito mais que isso o que está em questão. Com efeito, cremos que, através de uma dinâmica intrínseca de nossa fé na Encarnação do Filho de Deus, não podemos não considerar, de maneira positiva, o mistério da pluralidade das religiões da terra e não podemos não ter uma atitude de profundo respeito por outrem, já que nisso nosso ser cristão está afetado e comprometido. Em resumo, os cristãos só poderão ser eles mesmos na relação com os outros crentes, isto é, a relação ela mesma (em virtude da união hipostática em Jesus Cristo, i.e., da Encarnação, mas que não pode ser compreendida a não ser na relação simultânea com a in-habitação de Deus nos santos e, mais amplamente, nos cristãos, e em virtude da consubstancialidade de Jesus Cristo conosco) constitui-se como nossa maneira mesma de “subsistir” enquanto cristãos. Em outros termos, segundo uma palavra de M. Heidegger e também de E. Jünger, seria possível falar em “ek-sistencia” da fé cristã e também em “ek-sistencia”

do cristão ele mesmo, no sentido de que o cristão não existe sem sair de si para estabelecer uma relação. Para explicar essa concepção, ousamos fazer a “transposição”, indevidamente talvez, de um conceito da teologia trinitária para a realidade mesma do cristão quando ele é pensado em sua relação com os homens, mas, nesse caso concreto, com os outros crentes. Talvez seja possível falar de uma espécie de “relação subsistente” no cristão, isto é, ele só “realiza” seu ser mesmo na relação com os outros crentes. Mesmo que tenhamos de reconhecer uma certa inadequação desse conceito transposto dessa maneira para os cristãos, ele nos ajuda, contudo, a exprimir a radicalidade da relação “essencial” e “necessária” dos cristãos com os outros crentes das outras tradições religiosas. Enquanto cristãos, não somos nós mesmos sem os outros. O “não sem” é a condição de nosso próprio ser. Não somos sem os outros<sup>7</sup>.

### **A Encarnação como crítica das teologias pluralistas extremas**

Uma teologia cristã das religiões que tem como centro de sua reflexão a Encarnação, não pode não levar a sério as outras tradições religiosas. De fato, uma teologia encarnacional das religiões, sem renunciar à unicidade do evento da Encarnação, não anula as diferenças entre as crenças. Ela as aceita e não tenta nunca dar conta de sua própria compreensão sem as levar em conta e dialogar com elas. Assim, uma teologia encarnacional das religiões joga com todas as cartas sobre a mesa, sem esconder nada de sua pretensão. Ela busca ao mesmo tempo dar início a uma conversação como exigência da sua própria identidade e dinâmica interna. Certas teologias pluralistas, especialmente aquela de J. Hick, não levam suficientemente em conta a diferença específica de cada tradição religiosa e impõem a todas as crenças uma espécie de religião universal na qual todas as diferenças entre religiões são anuladas. No fundo, o pluralismo pregado por essas teologias não é real, pois obriga todas as crenças a entrarem num esquema geral estabelecido como o único válido. No caso de J. Hick, pensamos que sua proposição teológica –pluralista em aparência– oculta um tipo de absolutismo ao qual todas as crenças estão obrigadas a aderir.

## **A Encarnação do Filho único de Deus como condição da comunicação daquilo que lhe é próprio**

A Encarnação não pode ser compreendida de uma maneira pontual. Nós definimos a Encarnação como o itinerário global de Jesus. Esse itinerário certamente não teria muito interesse se ele não fosse contemplado nos seus cruzamentos com os nossos próprios itinerários humanos. Assim, esse cruzamento de itinerários leva à questão soteriológica. Qual seria o sentido do itinerário de Jesus sem a sua relação com os nossos itinerários? Qual seria o sentido de nossos caminhos humanos sem o caminho de Jesus? Numa palavra, trata-se de pensar nossa relação com Jesus, o Filho encarnado de Deus em chave soteriológica.

A afirmação da unicidade da Encarnação não pode estar separada daquela que assevera nossa condição de irmãos daquele que se encarnou, o Filho único de Deus. Mas, como o Filho único pode ter irmãos? Essa é justamente a compreensão cristã da unicidade da filiação de Jesus. Nós somos irmãos do Filho único de Deus, daquele que se encarnou. Assim, nós somos reconhecidos filhos (por adoção) na eterna filiação de Jesus Cristo. Portanto, é precisamente a partir da encarnação que sua filiação nos é comunicada. Por sua encarnação, o Filho de Deus comunica-nos aquilo que lhe é dado pelo Pai desde toda a eternidade, aquilo que lhe é próprio: sua condição de Filho, sua santidade. Nós recebemos a santidade e a filiação daquele que vem a nós.

Sem dúvida, é possível compreender, sem muita dificuldade, nossa relação, como cristãos, com Jesus de Nazaré, o Filho encarnado de Deus, mas como pensar ao mesmo tempo essa relação e nossa relação com os outros crentes e com as outras religiões? Aí está certamente o ponto crítico de nossa reflexão. Dar conta, ao mesmo tempo, de nossa relação com Jesus de Nazaré e de nossa relação com os membros de outras tradições religiosas e com as outras religiões em si mesmas em termos válidos. Essa é uma verdadeira dificuldade. Porém, se nos lembramos de que a relação própria do Filho de Deus com toda a humanidade é de caráter quenótico, podemos compreender nossa relação com os outros crentes como reproduzindo de alguma maneira, *mutatis mutandis*, a relação do Filho encarnado com a

humanidade toda. A Encarnação compreendida em termos quenóticos –mas excluindo todo desvio quenotista– constitui, segundo nosso ponto de vista, a chave de compreensão de nossa relação com os outros crentes e com as outras religiões. Posteriormente trataremos disso com precisão.

Se pensamos naquilo que nos tem sido comunicado pelo Filho de Deus encarnado, isto é, sua santidade, o que é que nos impede de reconhecer nas religiões aquilo que é “verdadeiro e santo”? Ora, graças à Encarnação do Verbo de Deus, fundamento teológico da comunicação da santidade do Cristo, muito mais do que reconhecer simplesmente os elementos de verdade e de santidade nas outras crenças, nós somos convidados a buscar ativamente o rastro da sua santidade nas religiões. Já que Deus só tem uma coisa para nos comunicar, não podemos buscar nada mais do que Ele mesmo.

Não podemos esquecer que uma maneira possível de compreender a Encarnação é em termos de união hipostática. Mas temos que pensar, sobretudo, que, com Calcedônia, estamos autorizados a falar de uma dupla consubstancialidade: aquela que Nicéia confessa do Filho em relação a seu Pai e aquela que Calcedônia confessa, em relação a nós, os homens. Jesus Cristo não é só consubstancial ao Pai mas também a nós. Assim, nesse sentido, é-nos permitido compreender a comunicação de sua santidade a todos os homens. Com efeito, existe uma comunicação daquilo que é único. Mas pode-se comunicar o único? Não pertence ao único a qualidade da incomunicabilidade? Sim, aparentemente, o único não poderia ser comunicado, já que, se fosse comunicado, deixaria então de ser único. No entanto, se considerarmos a verdadeira comunicação, a comunicação por excelência, isto é, aquela que comunica o único, e por conseguinte e paradoxalmente, o incomunicável, essa aparente incomunicabilidade do único desaparece. Não pode tratar-se aí mais do que a mesma autocomunicação de Deus. Deus dá-se a si mesmo. Trata-se da comunicação no seu estado puro. Ora, em Jesus, o único é comunicado a todos os seres humanos. Ao menos a única santidade é comunicada a todos. Nós estamos então autorizados a falar de uma espécie de unicidade comunicada ou, ainda melhor, teremos que ver na Encarnação uma dinâmica inaudita: a unicidade comunicativa. A lógica dessa unicidade comunicativa está

fundada na lógica da Encarnação mesma. É em razão mesmo da unicidade e do caráter definitivo da união hipostática, não apesar dela ou a despeito dela, que a comunicação daquilo que é próprio é possível. No fundo, aquilo que nos é comunicado a partir da unicidade de Jesus Cristo, o Filho encarnado de Deus, não é mais do que seu espírito de santidade. Nós somos então santificados em Jesus Cristo, Verbo encarnado de Deus. Evidentemente, a santidade do Cristo e a nossa são diferentes (no sentido de que, como criaturas, nós temos que nos tornar santos, enquanto o Cristo é santo desde o princípio). Mesmo que tais santidades possam ser distinguidas com clareza, elas não podem ser separadas. Ao contrário, para bem compreender a santidade própria de Jesus Cristo, somos convidados a pensá-la em sua relação com a nossa própria santidade recebida daquele mesmo que a recebeu do Pai desde toda a eternidade.

### **A Encarnação como quênose, chave de compreensão de nossa relação com os outros crentes**

...levei à plenitude minha alegria, pondo-vos acordes no mesmo sentimento, no mesmo amor, numa só alma, num só pensamento, nada fazendo por competição e vanglória, mas com humildade, julgando cada um os outros superiores a si mesmo, nem cuidando cada um só do que é seu, mas também do que é dos outros. Tende em vós o mesmo sentimento de Cristo Jesus: Ele, estando na forma de Deus não usou de seu direito de ser tratado como um deus mas se despojou, tomando a forma de escravo. Tornando-se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como um homem, abaixou-se, tornando-se obediente até à morte sobre uma cruz (Fil 2, 4-8).

Quando lemos a primeira parte do hino da carta aos Filipenses que nos descreve a relação de Jesus Cristo com todos os homens, não podemos deixar de observar que essa relação não tem nada a ver com uma relação de dominação. Ao contrário, trata-se de uma relação cuja lógica é a quênose, o abaixamento, o esvaziamento, o serviço e a obediência até à morte. Nesse sentido, nossa fé em Jesus, Filho de Deus

encarnado, não procura impor-se aos outros crentes. A fé nesse Jesus exige antes entrar numa lógica de radical humildade e de um grande respeito pelos outros crentes.

Evidentemente, isso não supõe nenhuma relativização do alcance universal do evento da Encarnação do Filho de Deus. É a segunda parte do hino da carta aos Filipenses: “Por isso Deus soberanamente o elevou e lhe conferiu o nome que está acima de todo nome, a fim de que ao nome de Jesus todo joelho se dobre nos céus, sobre a terra e sob a terra, e que toda língua proclame que o Senhor é Jesus Cristo para a glória de Deus Pai” (Fil 2, 9-11). A afirmação, porém, do alcance universal da Encarnação, pela sua dinâmica interna, não poderia ser feita sem uma atitude de respeito pelos outros crentes e pelas outras religiões. Ainda mais, a eficácia universal da Encarnação não existe para os cristãos sem a consciência de seu caráter amiúde escondido, mesmo invisível, nos outros crentes e nas outras religiões. Ora, essa consciência está reforçada pela simples constatação histórica daquilo que acontece em muitos lugares onde a paz entre as religiões não é mais possível e onde as atitudes de violência vencem as da paz.

Embora a quênose nos mostre uma maneira concreta de entrar em relação com o diferente, num profundo respeito, ela não pode ser utilizada para interpretar uma espécie de “desaparição” de Jesus, um apagamento total de seu rastro ou um “ponto nulo da mediação” crística (que nós preferimos chamar de mediação “Jesuscrística”, já que não pode ser pensada, ao menos no cristianismo, uma mediação que não seja aquela de Jesus de Nazaré de quem se confessa que é o Cristo de Deus). A quênose, bem interpretada, não nos permite fazer apelo a um Mediador (Jesus Cristo), que desaparece para deixar seu lugar a outros “mediadores”. Mesmo se, nessa última interpretação, não é possível negar sua generosidade, ela não é coerente com o sentido das afirmações do Novo Testamento. A quênose, corretamente compreendida, não nos pede para renunciarmos nossa fé em Jesus Salvador e Mediador de todos os homens. Ela nos mostra as condições intrínsecas de nossa confissão de fé, isto é, uma radical humildade que afasta – no meio mesmo da nossa confissão de fé – toda atitude de dominação e de violência na relação com outrem. Em resumo, a confissão de fé em Jesus, o Verbo encarnado, pela sua própria dinâmica, exige uma

radical humildade. No seio da confissão mesma, toda outra maneira de apresentar Jesus Cristo atraçoiaria o essencial da própria confissão cristã. Não se pode confessar Jesus Cristo a não ser no respeito e estima do outro crente e da outra religião.

### **Particularidade e universalidade da Encarnação**

Lembremos as críticas de certos teólogos opostos a uma teologia encarnacional, especialmente as críticas formuladas a respeito da absolutização ou da divinização da humanidade de Jesus. Para esse teólogos, a fé cristã em Jesus, o Filho de Deus encarnado, não nos permite dar ao nome de Jesus um alcance universal ou universalizá-lo. Esses teólogos, certamente com muita generosidade e boas intenções, crêem em que, em razão mesma da quênose ou do caráter histórico e particular da fé cristã, não estamos habilitados a conferir a Jesus um alcance universal. Numa palavra, para eles, essa pretensão seria como que uma supressão indevida da particularidade do evento da Encarnação.

Em nossa perspectiva, a particularidade do evento da Encarnação não está em oposição a sua universalidade, a seu alcance universal. Para nós, a afirmação da universalidade de Jesus de Nazaré não põe em questão sua particularidade de maneira indevida. Jesus tem um alcance universal não apesar de, ou a despeito de sua particularidade. É precisamente a partir e em razão dessa particularidade que Jesus possui um alcance universal. Com efeito, o fato de buscarmos o alcance universal de Jesus de Nazaré (i.e., do evento da Encarnação) não contradiz em nada sua particularidade. Ao contrário, para nós, é importante não deixar de lado todas as dimensões históricas ligadas à pessoa de Jesus. Em uma palavra, trata-se simplesmente de não esquecer o Jesus da história.

Nossa concepção de uma teologia cristã das religiões exige que levemos em conta a existência do homem Jesus. Levar em conta a história de Jesus é, para nós, a garantia da proclamação do alcance universal do evento da Encarnação. Ao mesmo tempo, levar em conta a particularidade e a historicidade de Jesus de Nazaré liberta nossos imaginários de todo desvio possível a respeito da sua pessoa. A me-

mória do itinerário de Jesus liberta a própria fé cristã de toda tentação de desfiguração do homem de Nazaré. No fundo, é essa particularidade de Jesus que é a garantia última de sua universalidade verdadeira, isto é, não uma universalidade abstrata, mas uma universalidade concreta. Nesse sentido, alguns teólogos falam do “universal concreto”.

Por outro lado, a importância da particularidade da humanidade de Jesus e da singularidade de sua história lembra-nos que o itinerário seguido por Jesus não pode ser considerado à margem dos itinerários que o cruzam, os itinerários dos discípulos e das pessoas que ele encontrou nos caminhos de Galiléia ou da Samaria. O itinerário de Jesus cruza outros itinerários, sem os quais não é possível compreender seu próprio itinerário. A particularidade de Jesus não é discernível sem as particularidades daqueles que ele mesmo encontrou quando fazia caminho. É no cruzamento dessas particularidades que somos capazes de desvelar a unicidade de sua pessoa, a unicidade de seu itinerário. Enfim, é justamente aí que somos capazes de descobrir, elucidar e apontar o verdadeiro alcance de sua Encarnação<sup>8</sup>.

### **Uma abertura para concluir**

Falar de Deus a partir daquilo que somos é sempre uma tentativa que pode bem evocar o mito de Sísifo. Falar de Deus com os “recursos que temos à mão” é uma vã tentativa. Porém, ela é legítima na medida em que só abreviamos sua própria Palavra. Assim, neste mundo onde a pluralidade de religiões e de crenças aparece-nos no seu mistério insondável, só a confiança que nos dá o evento da Encarnação torna possível nosso balbucio chamado “teologia”, já que, neste assumir da carne, Deus tem falado sobre si mesmo. Se nossa palavra sobre Deus é possível, não é por causa de nosso esforço, mas porque Deus falou em primeiro lugar no seu Filho único. As religiões da terra, aos olhos dos cristãos, inscrevem-se, entre outros esforços, nessa tentativa humana legítima de abandonar-se em Deus e tentar “dizê-lo” com aquilo que somos e temos, sem garantias de salvação, certamente, mas em esperança.

Uma teologia cristã que repensa a Encarnação de uma maneira nova deve ser acompanhada pela discrição e pela humildade necessá-

rias a uma tal tarefa, e a insistência na importância da fé na Encarnação nessa teologia, longe de ser arrogância e desprezo dissimulados em face às outras religiões e crenças, é um labor que implica a responsabilidade do próprio pensamento cristão, já que supõe que as outras crenças são levadas a sério.

No referente à teologia das religiões, existe ao menos uma certeza que podemos ter como cristãos: Deus quis falar com nossos próprios meios de expressão, Ele desejou falar a linguagem dos homens e das religiões. Se isso é verdade, só podemos esperar falarmos entre nós e com as religiões do mundo nessa linguagem que Deus mesmo fez sua, pela Encarnação do seu Filho único.

## Notas

- <sup>1</sup> Jesuíta boliviano, é professor de teologia sistemática na *Universidade Católica da Bolívia* (Cochabamba, Bolívia) e na *Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia*, FAJE (Belo Horizonte, MG). Também é chefe do Departamento de Planejamento Acadêmico do *Instituto Superior de Filosofia e Humanidades "Luis Espinal"* (Cochabamba, Bolívia). É doutor em teologia pelas *Faculdades Jesuítas de Paris*, (Paris, França). Tem experiência no ensino da cristologia, antropologia teológica, teologia trinitária e teologia cristã das religiões.
- <sup>2</sup> HICK, John. **God has many names**. Filadélfia: Westminster, 1982. Ver também: SCHMIDT, Frederick W. (ed.). **The changing face of God**. Harrisburg: Morehouse Publishing, 2000.
- <sup>3</sup> Com efeito, mesmo em alguns teólogos latino-americanos (sem dúvida movidos por um espírito de generosidade e de abertura) percebe-se uma influência de autores como John Hick. Ver por exemplo a obra do teólogo espanhol, radicado em Manágua, VIGIL José Maria. **Teología del pluralismo religioso**: curso sistemático de teología popular. Córdoba: Ediciones el Almendro, 2005. Tradução para o português: **Teologia do pluralismo religioso**: para uma releitura pluralista do cristianismo. São Paulo: Paulus, 2006.
- <sup>4</sup> Exemplo desses esforços generosos na América Latina, embora possam suscitar questões no âmbito teológico-cristão, são alguns artigos da Revista **Concilium**, n. 319, 2007. Vejam-se especialmente os artigos de José María Vigil e Leonardo Boff.

- <sup>5</sup> Ver TRACY, David. Le retour de Dieu dans la théologie contemporaine. **Concilium**, n. 256, 1994, p. 55-66. Evidentemente, esse retorno de Deus à teologia contemporânea não está em contradição com o caminho cristológico. Ao contrário, nesse retorno de Deus, o pensamento cristológico está no coração mesmo da teologia cristã. A teologia não pode ser concebida sem a cristologia e vice-versa.
- <sup>6</sup> É necessário fazer a distinção entre o cristianismo como religião histórica e o Evento Cristo. Aquilo que pode ser afirmado criticamente, com razão, sobre o cristianismo não é, nem deve ser aplicado diretamente ao Evento Cristo. o cristianismo e o evento Cristo. er chamado de humanismo evang
- <sup>7</sup> DE CERTAU, Michael. **La faiblesse du croire**. Paris : Éditions du Seuil, 1987, p. 212-218. Trata-se do “*pas sans*” (*nicht ohne*) utilizado por Heidegger e retomado por Certeau. “*Pas sans toi*”, “*pas sans lui*”, nós poderíamos acrescentar “não sem o outro”, “Não sem o outro crente”. Certeau escreve: “...*Nul n’est chrétien sans les autres, et aucune communauté saurait se prétendre chrétienne sans y être autorisée par un rapport nécessaire à l’autre du passé et à d’autres groupes (coexistants ou futurs)*” (*Ibid.*, p. 214).
- <sup>8</sup> Quando falamos do alcance da Encarnação, é útil lembrar que, pela Encarnação, é possível afirmar que “a salvação é mais próxima de uma prática humanista do que religiosa”, que não é admissível “a redução da salvação ao fato religioso” e que com a missão cristã foi aberta “uma outra via, que não seja propriamente religiosa”. Essas afirmações nos lembram a importância na fé cristã de não opor religião, humanismo e salvação, nem limitar esta última ao fato religioso. Veja-se o último livro de MOINGT, Joseph. **Dieu qui vient à l’homme: de l’apparition à la naissance de Dieu. 2. Naissance**. tomo II/2. Paris: Éditions du Cerf, 2007. Coleção Cogitatio Fidei n. 257, p. 971-979.

### **Endereço para contato:**

E-mail: [manuel.hurtado@jesuites.com](mailto:manuel.hurtado@jesuites.com)